



## **O DEBATE HISTORIOGRÁFICO ENTRE MOYSÉS VELLINHO E MANOELITO DE ORNELLAS**

*Carina Santos de Almeida\**

### **RESUMO**

A historiografia gaúcha da primeira metade do século XX esteve preocupada em compreender as questões históricas da formação do território, buscou nestas condições encontrar respaldo para a identidade rio-grandense. Neste contexto, apresentam-se os historiadores Moysés Vellinho e Manoelito de Ornellas, representantes de duas matrizes ideológicas gaúchas, a lusitana e a platina, respectivamente. Assim, o artigo se propõe a identificar os pontos de aproximação e distanciamento entre estes ensaístas, da mesma forma que compreender a importância de suas análises para a historiografia gaúcha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Historiografia Gaúcha, Matriz Lusitana e Platina e Identidade

### **THE DEBATE HISTORIOGRÁFICO BETWEEN MOYSÉS VELLINHO AND MANOELITO OF ORNELLAS**

### **ABSTRACT**

The historiography Gaúcha the first half of the twentieth century was concerned to understand the historical issues of the formation of the territory, sought in these circumstances find backing for the identity-great river. In this context, were the historians Moysés Vellinho and Manoelito of Ornellas, representatives of two matrices ideological gaúchas, the Lusitanian and platinum, respectively. Thus, the article is proposed to identify the points of convergence and distance between these ensaístas, as well as understand the importance of their analysis for the historiography Gaúcha.

**KEYWORDS:** Historiography Gaúcha, Mother Lusitana and Platinum and Identity

---

\* Graduada em História e mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Agradeço a contribuição do Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva pelas orientações ao trabalho que serviu de base para este artigo.

## A HISTORIOGRAFIA GAÚCHA DO SÉCULO XX

O Rio Grande do Sul possui uma complexa formação e organização territorial, expressamente compreendida a partir da idéia de alteridade, ou a partir da noção de povoamento. Neste sentido, o confrontamento sócio-cultural reporta a identificar ou diferenciar esta condição, sendo fator *sine qua non* para a compreensão da representação social (SILVA, 2000). Assim, os historiadores decididamente compreendem a história gaúcha como um conjunto enriquecido de conhecimentos, provindos da diversidade sócio-cultural, contudo, na primeira metade do século XX, a miscigenação foi subestimada pela historiografia dominante.

Os historiadores Moysés Vellinho e Manoelito de Ornellas representam parte da intelectualidade do século XX no Rio Grande do Sul, onde consoavam nomes como Aurélio Porto, Souza Docca, Othelo Rosa, Alfredo Varella, entre outros. Nesse período os intelectuais estavam preocupados com a identidade do gaúcho, a nacionalidade e a formação social do rio-grandense, que oscilava entre a *matriz lusitana* e a *matriz platina*. Estes questionamentos eram reflexos das discussões nacionais quanto a matriz portuguesa da formação brasileira, dessa forma os historiadores gaúchos estavam sendo suscitados a buscar respostas ao nível regional, tentando encontrar um ponto de ligação do Rio Grande do Sul ao Brasil e consolidar a unidade nacional.

É importante salientar que na primeira metade do século XX havia no Rio Grande do Sul um momento de afirmação da brasilidade, e por isso, um clima de nacionalismo exacerbado, caracterizando o período do pós-1930 (GUTFREIND, 1998). Esses nacionalismos exacerbados se evidenciavam, no contexto nacional, num momento de grandes afirmações culturais, como a Semana de Arte Moderna e os festejos do primeiro Centenário da Independência do Brasil, com as movimentações e aspirações de grupos e partidos no meio político, que discutiam a política do café com leite, o tenentismo, entre outros. A intelectualidade nacional do período consagrou grandes obras como *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, publicado em 1928, *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Jr., publicados em 1933, e, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, publicado em 1936.

Gilberto Freyre (2001) afirma que a *mobilidade social* no Brasil aprofundou a colonização, pois Portugal, país insignificante em tamanho, jamais conseguiria povoar um

território extenso, como o brasileiro, sem a mobilidade.<sup>1</sup> Da mesma forma pensou Moysés Vellinho (1970, p.22), a *mobilidade social* no Rio Grande do Sul marcou a formação histórica do povo gaúcho, sendo responsável pela diversidade social, só foi possível a consolidação territorial e a seguridade luso-brasileira com os reforços dos frutos dos cruzamentos.

Os intelectuais gaúchos utilizavam a imprensa, como o Jornal Correio do Povo para seus debates; porém as revistas traduziam melhor as discussões, sobretudo a revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul/IHGRS. O Instituto foi fundado em 1920, por estímulo do Tenente Emílio Fernandes de Souza Docca – expoente da matriz lusitana –, de Octávio Augusto de Faria – autor do Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul –, do Desembargador Florêncio de Abreu e Silva e outros intelectuais da época. Seus fundadores certamente tinham a pretensão de realizar, ao nível estadual, a mesma função que exercia o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1838, ou seja, a de proporcionar debates sobre a formação da identidade e preservar a cultura. Dessa forma, parece um tanto quanto óbvio os debates sobre a história e a formação sócio-cultural do Rio Grande do Sul terem saído deste instituto, que, sobretudo, foi a nascente das duas matrizes ideológicas – lusitana e platina – e contribuiu para polemizar, aproximar e distanciar seus debatedores.

## **A MATRIZ LUSA E A MATRIZ PLATINA**

O Rio Grande do Sul apresenta no início do século XX duas matrizes ideológicas na historiografia gaúcha que debatem a cerca da formação da identidade e sobre a diversidade cultural rio-grandense, a matriz lusitana e a matriz platina<sup>2</sup>. Moysés Vellinho e Manoelito de Ornellas são ensaístas que representam a matriz lusa e a matriz platina, respectivamente, fazem parte da intelectualidade do século XX no Rio Grande do Sul. Ornellas nascera em 1903 e falecera em 1969, Vellinho em 1901 e falecera em 1980, ressalta-se desta forma a contemporaneidade destes intelectuais, que escrevem e discutem no mesmo período histórico.

Gutfriend (1998, p.45) afirma que o discurso historiográfico luso foi iniciado por Aurélio Porto, que lançou essa tendência no início do século XX, sendo que Souza Docca – intelectual contemporâneo a Porto – foi quem deu continuidade ao seu discurso lusitano, “[...] tornando-o mais convincente”. Othelo Rosa foi quem aprofundou e expandiu a matriz lusitana

---

<sup>1</sup> “[...] pessoalzinho ralo, insignificante em número – sobejo de quanta epidemia, fome e, sobretudo guerra afligi a Península na Idade Média – conseguido salpicar virilmente do seu resto de sangue e de cultura populações tão diversas [...]” (FREYRE, 2001, p.83).

<sup>2</sup> De acordo com Gutfriend (1998, p.11) matriz significa “[...] um conjunto de obras históricas, cujos conceitos adquirem significados ocultos, conforme a conjuntura que se desenvolve e, por isso mesmo, mantém uma

e, Moysés Vellinho, quem deu “[...] aprimoramento lingüístico e literário, finalizando sua trajetória”.

Na verdade os dois historiadores estão preocupados, em seus escritos, com a mesma questão, mas como fazem parte de um contexto específico da historiografia gaúcha acabam por não ficarem de fora das polêmicas de sua época, tendo que tomar posições sobre a identidade cultural de seu povo. Dentre esses dois ensaístas, Vellinho era quem possuía maior credibilidade, tanto ao nível estadual, como nacional, não que este autor fosse mais digno de crédito, mas para se pensar em identidade rio-grandense na primeira metade do século XX era preciso negar a proximidade com o Prata e reafirmar a nacionalidade brasileira. O Rio Grande do Sul era diferente do Prata, porque fora composto pela alma e sangue lusitano, enquanto o Prata possuía o sangue dos espanhóis, inimigos históricos dos portugueses.

Conforme Gutfreind (1998, p.169), tanto a produção de Varella como a de Ornellas “[...] foi desviada da corrente historiográfica em desenvolvimento”. Ressalta-se que nesta primeira metade do século XX a Revolução Farroupilha estava completando 100 anos, 1935 a 1945, e o Rio Grande do Sul dois séculos de fundação, em 1937, dessa forma havia um forte sentimento nacionalista contribuindo para ressaltar a brasilidade. Com essas comemorações centenárias, as causas e conseqüências das lutas e conquistas dos rio-grandenses foram incessantemente discutidas dentre a intelectualidade do Instituto Histórico e Geográfico Rio-Grandense, sendo preciso exaltar a bravura pela defesa da fronteira brasileira em 1801, anexando a região das missões ao território luso-brasileiro, e, sobretudo, as lutas constantes para manter a fronteira seca do Estado, logo, dever-se-ia ressaltar a diferença histórica, política, dos costumes e tradições dentre os brasileiros e os platinos.

Moysés Vellinho em seu livro *Capitania d’El-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*, escrito em 1964, aborda o aspecto histórico e social da composição do Rio Grande do Sul, encontra fatos que considera polêmicos e desenvolve a sua obra sob essa temática. O historiador, ensaísta, crítico literário, escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul nasceu em Santa Maria e faleceu em Porto Alegre, era formado em Direito, tendo sido promotor de Justiça, deputado estadual e conselheiro do Tribunal de Contas do Estado. Além de contribuir para jornais locais, como Correio do Povo e Zero Hora, foi editor da revista Província de São Pedro, publicada em 21 edições, entre os anos de 1945 e 1957. Em seu ano de falecimento, 1980, foi homenageado como patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, sendo que o Arquivo Público da capital gaúcha leva o seu nome.

O livro, citado anteriormente, foi escrito no período de maturidade de Vellinho e está dividido em temas polêmicos e dissonantes, entre as duas ideologias gaúchas: matriz lusitana e platina, conforme o historiador mesmo reconhecia. O primeiro tema foi *A Expansão Meridional do Brasil*, onde busca a história da formação rio-grandense, mostrando o Tratado de Madri e mencionando a questão da fronteira do Rio Grande do Sul com o Prata. O segundo tema é *Os Jesuítas*, onde Vellinho aborda a questão dos índios escravizados e os interesses políticos e econômicos dos jesuítas. O terceiro é *As Missões Orientais e seus heróis perante a história do Rio Grande do Sul*, que discute o não pertencimento das missões ao território rio-grandense antes do século XIX, os conflitos e guerras, como o herói Sepé Tiaraju. A quarta dissonância entre as duas matrizes é *Cristóvão Pereira*, figura para o autor surpreendente, um tropeiro, sertanista e colonizador português da mais velha cepa lusitana e exemplo de rio-grandense. O quinto tema é *O Rio Grande e o Prata: contrastes*, momento em que o autor diferencia essas duas localidades no aspecto político, histórico e social. O sexto e último tema de polêmica e dissonâncias chama-se *A Fronteira e a Língua*, onde a fronteira rio-grandense manteve platinos de um lado e gaúchos de outro, sendo a língua a grande consolidadora da colonização, ocupação portuguesa e mantenedora do pertencimento luso-brasileiro no Rio Grande do Sul.

As Missões Jesuíticas, para Vellinho, fazem parte de um dos aspectos polêmicos abordados no livro, pois como só vieram a fazer parte do território rio-grandense a partir de 1801, essas reduções e posteriores missões não contribuíram para a composição cultural e social dos rio-grandenses, como afirmam os integrantes da matriz platina, e, sobretudo, Manoelito de Ornellas. Com relação à questão da fronteira, Moysés Vellinho e Manoelito de Ornellas entram em concordância, pois esta foi uma constante no Rio Grande do Sul, sendo desde a metade do século XVII até o XIX motivo para lutas, confrontos e hostilidades entre os portugueses e os espanhóis. Quanto aos jesuítas espanhóis e bandeirantes, Vellinho ressalta a expansão territorial que as bandeiras geraram para a dilatação e espacialização do Brasil, sendo que os espanhóis jesuítas desagregaram os indígenas que habitavam o espaço dos campos à oeste do Estado rio-grandense com intenções platina/espanholas na questão política e econômica de dominação e manipulação desses povos. As bandeiras, dessa forma, não teriam destruído mais os índios que os jesuítas, pois enquanto um escravizava fisicamente o gentio, o outro escravizava a alma indígena em nome da Santa Fé. A exaltação de heróis platinos que lutaram contra o Rio Grande do Sul, como é o caso de Sepé Tiaraju é mais um ponto de discordância entre as matrizes; pois enquanto a platina defendia a bravura deste índio que lutou pela permanência das Missões Jesuíticas na região oeste do Estado, a matriz lusa de Vellinho atenta para o grande engano em apoiar esse herói, onde seria a mesma coisa

que não conhecer a história da formação social rio-grandense. Em vez disso devia-se ressaltar homens bravios, que defenderam o território gaúcho dos espanhóis, como Cristóvão Pereira, que era um representante da melhor cepa portuguesa e lutou pela permanência do território rio-grandense nas mãos dos luso-brasileiros, enquanto os espanhóis, em todo momento, jogavam os indígenas em confronto.

A matriz lusa, na concepção de Vellinho é reforçada pelo fator lingüístico, que em vez de ser o espanhol, caso fosse o rio-grandense de origem platina, permaneceu o português, que demonstra que os gaúchos são de origem lusitana, inclusive na região onde havia as reduções e missões jesuíticas.

Manoelito de Ornellas em *Gaúchos e Beduínos: origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*, escrito em 1948, não se detém à formação social e histórica do Rio Grande do Sul, como fez Moysés Vellinho, busca a formação social a partir da origem étnica de Portugal e Espanha. Ornellas foi um grande conhecedor da formação histórica, social e cultural da Península Ibérica, e por isso desenvolveu com primor, seriedade e conhecimento seu ensaio.

Ornellas, em todos os momentos e discussões sobre o gaúcho, abordava a platinidade. Nasceu em Itaqui, cidade fronteira com a Argentina, situada na região missioneira do Estado do Rio Grande do Sul, falava um excelente espanhol – como afirmou Érico Veríssimo –, que era amigo e apresentador de Ornellas na introdução de *Gaúchos e Beduíno*. Manoelito viveu parte de sua vida em Tupanciretã, vizinho de Veríssimo, que morava em Cruz Alta, posteriormente se mudou para a capital do Estado, Porto Alegre. Além de historiador, foi professor, poeta, jornalista e redator. No final de sua vida ganhou diversas homenagens, inclusive de instituições de reconhecimento nacional. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, assim como o seu antecessor de matriz ideológica, Alfredo Varela, e só conheceu a Península Ibérica, Espanha e Portugal muitos anos após ter escrito *Gaúchos e Beduínos*, por convite destes países para ser conferencista em Coimbra, Lisboa e Madri.

Manoelito de Ornellas escreveu *Gaúchos e Beduíno* sem conhecer a Península Ibérica, utilizou-se de uma vasta bibliografia da península para reconstruir as origens étnicas do gaúcho, buscou a construção da identidade do português e do espanhol alicerçada na diversidade dos ibéricos e nos contatos que estes tiveram com outros tantos povos. Ornellas possuía grande conhecimento de Literatura Hispânica, Cultura Ibérica, História da Arte – Bizantina e Islâmica – ministrando disciplinas como docente na cátedra, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

O Rio Grande do Sul é formado socialmente por diversas origens étnicas, enquanto o historiador Ornellas vê no gaúcho do século XX uma mescla étnica remontando às raízes profundas dos colonizadores desde a Península Ibérica, Vellinho, dentro de suas análises não crê na miscigenação fecunda e vitoriosa a tal ponto de identificar o gaúcho mais próximo dos espanhóis e indígenas do que do português, contudo nenhum dos autores é restrito, é a partir dessa singularidade que se percebe a aproximação deles e a abertura suficiente à diversidade.

O livro de Ornellas aborda a contribuição do negro (brandamente), do açoriano, do espanhol, do indígena, da mesma forma menciona a importância do cavalo para o gaúcho, na aptidão guerreira dos mestiços ibero-americanos em sua forma de combater o inimigo, herdada dos espanhóis e portugueses (o cavaleiro berbere). Faz a ligação histórica dos portugueses e dos espanhóis que povoaram a América e que receberam enquanto peninsulares a influência árabe, berbere, maragata e beduína. Assim, associa o gaúcho e o árabe a partir das lendas e superstições, faz um paralelo entre o gaúcho e o beduíno, encontra as semelhanças, hábitos, costumes e tradições entre eles. Além de, em todos os momentos, aproximar o gaúcho do pampa rio-grandense com o platino, comparando a poesia destes dois elementos.

### **APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE MOYSÉS VELLINHO E MANOELITO DE ORNELLAS**

O ambiente em que foram escritas as obras dos dois autores, 1948 e 1964, contribui para analisar o pensamento e a direção dos discursos de Ornellas e Vellinho. Para o primeiro é fundamental a matriz platina para uma melhor compreensão da formação cultural rio-grandense, onde a relação do gaúcho rio-grandense com o gaúcho platino remonta as suas origens ibéricas, enquanto que para o segundo a matriz lusa foi a única interpretação histórica fiel a formação do Rio Grande do Sul, sem exaltar heróis que pertenceram a história do Prata.

Os historiadores apontam o trinômio índio, espanhol e português como sendo a base na formação social do Rio Grande do Sul que espacializou-se pelo território, Ornellas aprofunda mais a questão étnica, chegando até a origem moura e seus costumes entre os portugueses e espanhóis. Vellinho, não percebe o espanhol e o índio com forças estruturais na identidade gaúcha, afirma que a penetração espanhola era inconstante e a consolidação indígena não se sobressaiu devido a total extinção física do índio no Rio Grande do Sul no decorrer do processo de três séculos.

Moysés Vellinho inicia sua obra principal citando a impressão que uma baiana tinha do Rio Grande do Sul quando esta veio ao Estado, em 1948 para o V Congresso Eucarístico, onde pensava que os gaúchos eram diferentes dos demais brasileiros, porém, o que encontrou

aqui foi o mesmo sentimento de brasilidade.<sup>3</sup> Essa impressão de ser, o gaúcho, em relação ao Brasil um povo diferente se dá pelos agentes diversos e as lutas fronteiriças constantes com os espanhóis, mas de forma alguma isso desconstrói a unidade do povo gaúcho com relação ao Brasil. A posterior imigração europeia no século XIX também não pode ser vista como uma das causadoras dessa diferença, contudo a estrutura portuguesa predominará, as diversidades se afrouxaram com o híbrido, a presença estruturante portuguesa da plasticidade permaneceu mesmo através do contato com a diferença. (GAUER, 1999, p.15) Essa idéia da estrutura portuguesa é frisada por Aurélio Porto, Souza Docca, Othelo Rosa e Moysés Vellinho, não sendo negada na sua totalidade por Alfredo Varela e Manoelito de Ornellas.

A análise comparativa nas obras dos dois autores foi realizada a partir de abordagens temáticas, como a questão da fronteira, as Missões Jesuíticas, os jesuítas, os indígenas, os bandeirantes, as semelhanças e as diferenças entre o prata e o território gaúcho, assim, confrontou-se os dois discursos para além de compará-los, compreender como Manoelito de Ornellas e Moysés Vellinho abordavam os mesmos aspectos e onde os dois autores se aproximam.

#### **a) o território rio-grandense: a questão da fronteira**

O Rio Grande do Sul tem divisa a leste com o oceano Atlântico, a norte com o Estado de Santa Catarina, a oeste com a Argentina, e a sul com o Uruguai, sendo o rio Uruguai a fronteira norte e oeste do Estado. A maior parte do território gaúcho – oeste – pertence geograficamente a bacia do rio da Prata, sendo que a parte leste pertence a bacia do rio Jacuí, que deságua no lago Guaíba, a bacia do rio Pelotas e a bacia do rio Camaquã, que desaguarão na laguna dos Patos e conseqüentemente no oceano Atlântico. Essa espacialização geográfica faz o rio-grandense próximo do platino. Sendo assim, ressalta Vellinho que o Rio Grande do Sul nasceu de um corredor de tropeiros que ficavam espremidos entre o mar e o domínio espanhol das Missões (VELLINHO, 1970, p.78).

Manoelito de Ornellas em *Gaúchos e Beduínos* menciona a bacia do Prata muitas vezes usando o termo *Plata*, em espanhol, assim como o termo *gaúcho*, *Vacaria del Mar*, ao contrário fez Moysés Vellinho que usou sempre o termo Prata, *Vacarias do Mar* e o termo *rio-grandense* em vez do *gaúcho*.

---

<sup>3</sup> “[...] entrevistada por folhas locais, declarou que viera ao Rio Grande pensando encontrar aqui uma gente estranha, estranhos hábitos, mas tivera uma surpresa tranquilizadora: via que se achava entre um povo que era afinal o seu próprio povo, a mostrar, no fundo, o mesmo jeito de ser e de sentir dos demais brasileiros. Confessa agora, num constrangido desabafo, que ficara mesmo desoprimida, pois – palavras suas! – viera ao Rio Grande com certo medo!...” (VELLINHO, 1970, p.03)

A vida rio-grandense sofreu longamente a ação tensa, estimulante das guerras e conflitos de fronteira, as peculiaridades dessa vida se dão devido a “[...] posição de constante vigilância sobre as demarcações da nacionalidade em seu ponto crítico por excelência” (VELLINHO, Op. cit., p.08). Esse ambiente de pressão e necessidades político-militares fez nascer a aliança com o nativo como estratégia importante para a consolidação do domínio português, na opinião de Vellino essa mesma tentativa foi usada pelos espanhóis para manter o território espanhol sob domínio e controle (Ibidem, p.165).

Moysés Vellino afirma que no Rio Grande do Sul se viveu um *drama de fronteira*, que teve suas divisas ameaçadas mais que o restante do Brasil, e isso aguçou o sentido urgente e militante para uma consciência de brasileiros, “[...] era natural que o brasileiro do extremo sul, fiel à sua herança guerreira se fixasse numa atitude de vigilante afirmação patriótica, sem prejuízo dos sentimentos de estrita cordialidade que hoje animam nossas relações de vizinhança com uruguaios e argentinos” (Ibid., p.8-9).

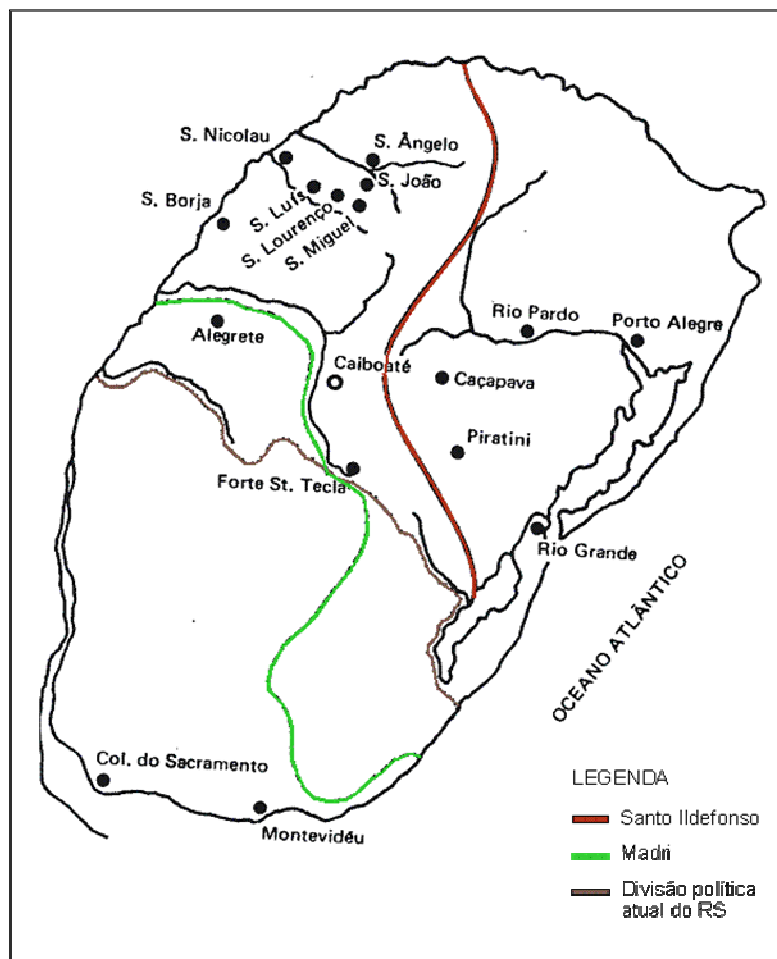


FIGURA 1: Delimitação dos Tratados de Madri e Santo Ildefonso

Fonte: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 8 ed. Porto Alegre:

Mercado Aberto, 1997, p. 25.

Enquanto Vellinho fala no *drama de fronteira* vivenciado no Rio Grande do Sul por se ter uma fronteira pouco definida e muito disputada por lutas, Ornellas prefere chamar de *drama histórico da terra* (ORNELLAS, op. cit., p.03). O Rio Grande do Sul na visão deste último era o prolongamento da Cisplatina do Sul, campo de guerras, disputas e encontros pela hegemonia territorial no Continente entre os Reinos de Espanha e Portugal. Confrontando os dois discursos percebe-se que enquanto Vellinho fala no *drama de fronteira*, Ornellas prefere chamar de *drama histórico da terra*.

O rio-grandense para Vellinho possuía espírito de brasilidade adensado por ter defendido a *ferro e fogo* a fronteira.<sup>4</sup> Essa defesa do território nacional seria a prova da vocação do rio-grandense/gaúcho para a unidade nacional, pensar de forma diferente – matriz platina – seria incompreender o Rio Grande do Sul.

Ornellas encontrou peculiaridades étnicas no passado ibérico do Rio Grande do Sul, a diversidade cultural, da mesma forma visualiza peculiaridades na imigração tardia – teutos e ítalos – encontra-se a influência castelhana, a dos primitivos autóctones, a ascendência do mameluco paulista e as lembranças profundas do açoriano.<sup>5</sup> Pois, vale lembrar que, tanto a região da Colônia do Sacramento, como a das Missões Orientais, eram constante alternativa de posse e domínio de espanhóis e portugueses, provocando uma fusão de povos.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Termo usado por Vellinho (1970, p.9) para afirmar a brasilidade do rio-grandense.

<sup>5</sup> “Não obstante a imigração, mais tardia, dos contingentes étnicos da Itália e da Alemanha, os redutos demográficos primitivos conservaram caracteres peculiares de sua origem. A influência castelhana emprestou uma fisionomia inconfundível ao tipo humano das Missões e das zonas fisiográficas da Campanha e da Depressão Central. A ascendência do mameluco paulista é ainda sensível nas regiões do Planalto Médio e do nordeste e as lembranças profundas do açoriano teimam em permanecerem, evocativas, na vida e na feição das nossas cidades fluviais marítimas” (ORNELLAS, 1999, p.5-6).

<sup>6</sup> “[...] provocou entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai um interpenetração luso-espanhola que serviu para dar ao gaúcho das duas parcelas territoriais quase que uma só fisionomia. Portugal deixou profundas influências na vida uruguaia como o Uruguai deixou profundas influências na vida rio-grandense. O Tratado de Madri ao consentir na permanência dos portugueses na Colônia do Sacramento consolidou a fusão dos dois povos” (Ibidem, p.37-38).

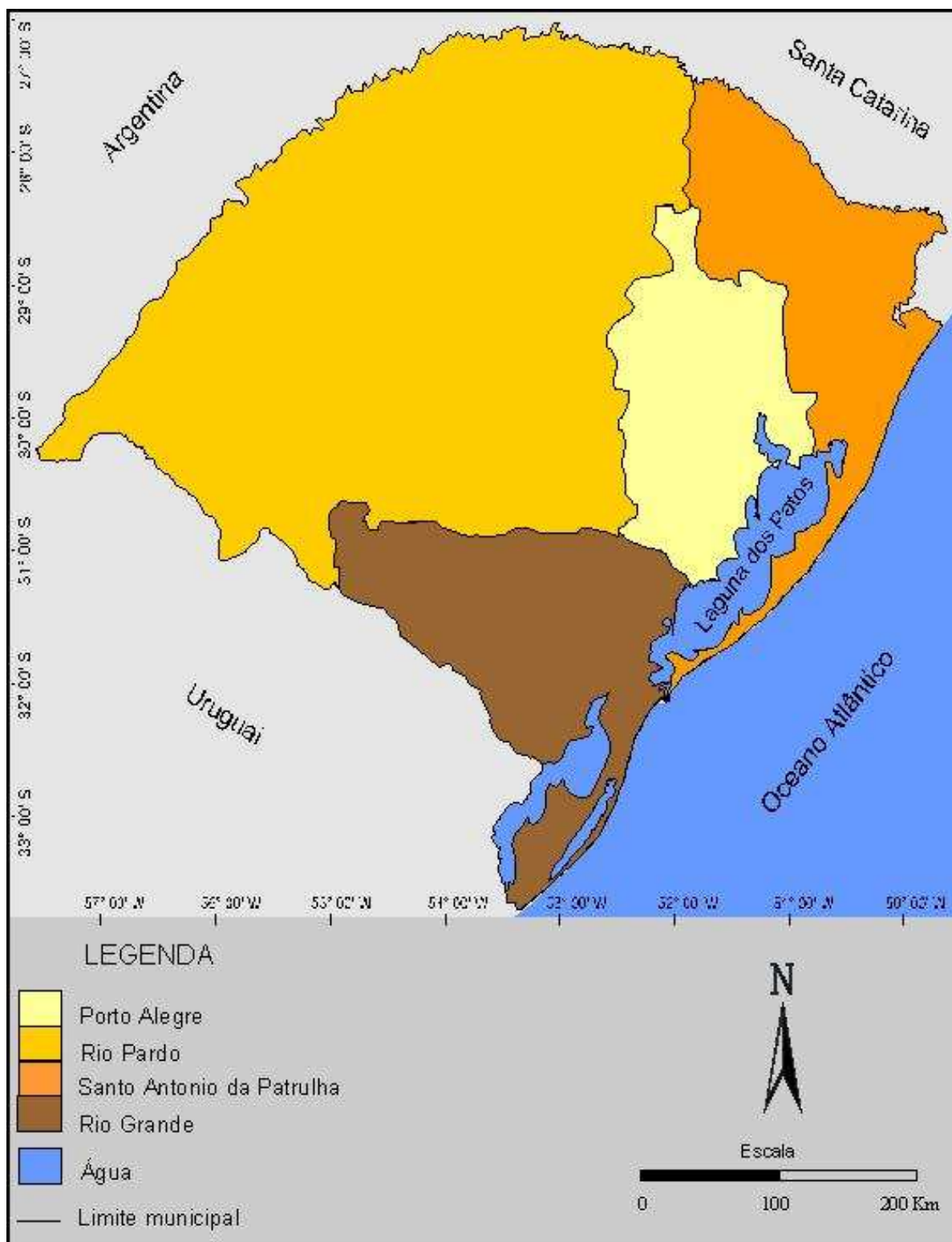


FIGURA 2: Divisão política do Rio Grande do Sul em 1809. A figura mostra o Rio Grande do Sul no início do século XIX, onde se chamava Província do Rio Grande de São Pedro do Sul, com suas divisões políticas consolidadas.

Fonte: Laboratório de Geoprocessamento – UNISC

### **b) as missões jesuíticas: indígenas e jesuítas**

Os jesuítas tiveram na opinião de Vellinho (1970, p.53) dois séculos de “[...] audaciosos cometimentos nos domínios espiritual e secular”. E a sua intervenção não foi conduzir os índios à civilização através da catequese, mas a operação possuía aspectos políticos e econômicos, *os bons selvagens*<sup>7</sup> deixaram com a catequização de errarem sem destino e abandonaram o costume de comerem-se uns aos outros, mas mesmo assim não foram conduzidos a civilização.<sup>8</sup>

Manoelito de Ornellas se coloca em defesa das missões, pois os indígenas aprenderam os elementos mais avançados da civilização, além de ofícios mecânicos, aprenderam a executar músicas em orquestras, sobretudo composições dos séculos XVII e XVIII. Contudo Vellinho via esse progresso indígena apontado por Ornellas como infantilidade, os índios destacavam-se nas artes mecânicas e na música por simples imitação, pois eram “[...] incapazes de acrescentar uma só nota às que aprendiam” (Ibidem, p.84). Os jesuítas eram compreendidos de forma bem crítica, não havendo muita diferença do bandeirante que levava o índio para ser escravo do jesuíta que escravizava o índio em sua alma.<sup>9</sup>

Os jesuítas e os bandeirantes para Vellinho eram os responsáveis pela triste condição do índio, sendo os jesuítas ainda mais culpados por não serem analfabetos, enquanto os bandeirantes eram rudes homens leigos, argumenta ainda que as reduções não poderiam lograr êxito, pois estavam assentadas no casco de uma “[...] pobre gente que talvez nem se pudesse considerar como padrão de raça primitiva mas já em estado de franca regressão” (Ibid., p.82), comparando jesuítas e bandeirantes “Num e noutro caso, era a mesma, diferente apenas no grau, a triste condição social do índio” (Ibid., p.75). Mesmo assim, devíamos aos bandeirantes desbravadores a dilatação do território brasileiro.

Manoelito de Ornellas se contrapõe a idéia de dilatação do território brasileiro, constituída a partir da contribuição do bandeirante. Para este não foi por serem espanholas as reduções jesuíticas e uma ameaça ao Brasil português que os bandeirantes destruíram-nas,

<sup>7</sup> Vellinho (1970, p.51) ao expressar-se sobre os índios empregando o termo *bons selvagens* que “[...] antes erravam sem destino pelos sertões da bacia do Paraná, comendo-se uns aos outros, agora na perfeita comunhão das reduções, descobriam ao mundo a face verdadeira do *crístianismo feliz*”, demonstra que essa era a forma como o mundo via os indígenas das Missões Jesuíticas.

<sup>8</sup> “[...] se viu, porém, foi que não chegaram para conduzi-los à civilização. A catequese, nas condições em que se processava, operou milagres, sem dúvida, inclusive o abandono da antropofagia, mas no plano das elaborações históricas só poderia oferecer como resultado, segundo o implacável prognóstico de Oliveira Martins, ‘um Brasil índio-cretino’ [...]” (Ibidem, p.59).

<sup>9</sup> “As nascentes missões mantinham estreito contacto oficial com os prepostos de Castela, assim que cada *doutrina* que os padres iam implantando era logo agraciada com um pressuroso ato de reconhecimento emanado de Buenos Aires. Vê-se daí que a expansão jesuítica, além de seu cunho apostólico, revestia também um caráter abertamente político. Pela mão dos missionários, e só por elas, é que havia de crescer o domínio castelhano sobre as terras que mais tarde complementariam no extremo sul, a possessão portuguesa. Sucedeu, porém, que após alguns anos de impactos contínuos, os bandeirantes rechaçaram os jesuítas e os repeliram para a banda ocidental

mas por terem interesse no indígena. As missões jesuíticas chegaram a um progresso significativo, o índio catequizado desenvolveu a agricultura, o artesanato e a criação de gado vacum. Ornellas num determinado momento do texto diz que seria preferível ver o índio *escravizado*<sup>10</sup> pela Companhia de Jesus que desgarrado de suas terras, de seu território, de sua liberdade, de seu povo e escravizado como o negro. De certa forma, o historiador Vellinho admite que os Sete Povos das Missões chegou a algum progresso, mas esse progresso estaria alicerçado na escravidão dos povos indígenas.

O índio é visto na visão de Ornellas (1999, p.48) de forma branda e positiva no conjunto missioneiro, as missões alcançaram progresso, crescimento e desenvolvimento no território rio-grandense, para ele os bandeirantes que destruíram as missões “[...] longe de ser um título de glória, sob o ponto de vista territorial, parece-nos que antes atrasaram de um século a colonização portuguesa (e, portanto, brasileira) do Rio Grande do Sul”. Os guaranis das missões jesuíticas tiveram motivos por morrerem lutando pelo seu território dos Sete Povos das Missões, alcançaram desenvolvimento, riquezas e prosperidade, os jesuítas não estavam, ajudando a expandir as fronteiras da coroa espanhola, pois sequer era falado o espanhol pelos nativos, a língua corrente era o guarani. Os índios das missões orientais foram, em grande parte, dizimados sobrando um pequeno contingente que um dia conheceu a riqueza e o bem-estar. A reconquista das missões orientais em 1801 foi uma forma de consolidação do território rio-grandense e o nascimento de um Estado – como aponta Vellinho,<sup>11</sup> mas também uma perda de riquezas missioneiras, como afirma Ornellas.

O Rio Grande do Sul, para Vellinho (1970, p.95), após 1801, tornou-se “[...] uma planta nova que ia meter ali novas raízes. Uma civilização diferente, sob outra bandeira, sob outro signo cultural, nasceria e tomaria corpo sobre os destroços de uma construção que se erguera ao arrepio dos tempos”.

### **c) as semelhanças e as diferenças entre o Rio Grande do Sul e o Prata: costumes e tradições**

Vellinho e Ornellas divergem quanto à proximidade do gaúcho platino e o gaúcho rio-grandense, o primeiro faz críticas aos pesquisadores da matriz platina, afirmando que esses e outros escritores como Pe. Balduíno Rambo, Assis Chateaubriand, Humberto de Campos são responsáveis pela impressão de desapego, indefinição e flutuação da identidade rio-grandense

---

do Uruguai: o trabalho servil do índio não era menos vital para os paulistas que para a economia das reduções” (Ibid., p.63).

<sup>10</sup> Escravizado não fisicamente como o negro, mas trabalhando como um escravo de Deus para a Companhia de Jesus.

entre o *mundo luso-brasileiro* e o *mundo hispano-americano*, mas “[...] um pouco da culpa cabe à gente de casa” (Ibidem, p.09). Cabia a Vellino dessa forma “[...] resguardar e difundir contra a ação erosiva de interpretações deformadoras” (Ibidem, p.117).

O território rio-grandense sofreu influência dos espanhóis, portugueses e indígenas com um povoamento que se deu lentamente a partir da miscigenação com as nativas no intercuro das lutas, guerras, comércios e tropeiradas. A ocupação do território só foi possível através do cruzamento destes povos, sendo que as levas de colonizadores foram pouco numerosas, havendo sido reforçadas pelos frutos do cruzamento com as nativas, como afirma Moysés Vellino, procriando num surto sem medida “[...] como só se terá visto na infância do mundo” (VELLINHO, op. cit., p.22).

Em concordância, uma característica que assemelha o gaúcho rio-grandense ao gaúcho platino para Vellino e Ornellas é o ambiente natural geográfico e o pastoreio. Ornellas coloca que a paisagem aberta da Campanha Sudoeste tão comum ao Rio Grande do Sul, parte da Argentina e ao Uruguai formou uma experiência de vida no campo semelhante nestas localidades, com seus segredos, hábitos e costumes. A transição do homem primitivo dos campos se deu como na *trama acidentada do índio*<sup>12</sup> para o gaúcho, da *taba*<sup>13</sup> para o galpão, formando uma trama complicada no gaúcho em relação a sua psicologia de mestiço<sup>14</sup>. O homem dos campos “[...] formou um tipo único de gaúcho, inconfundível e singular nos seus caracteres marcantes...” (ORNELLAS, op. cit., p.203).

Vellino (Op. cit., p.147) compreende que do “[...] cruzamento do europeu com o índio resultou a matéria-prima de que sairia o gaúcho”. Esse mestiço fruto do intercuro de brancos com as nativas foi sem dúvida, parafraseando Vellino, bastante encontradiço na sociedade campeira, “[...] mas em tempo algum pesou na concorrência com o padrão dominante” (Ibidem, p.214).

Enquanto Moysés Vellino afirma ser possível analisar as diferenças e semelhanças entre o Prata e o rio-grandense através apenas dos fatos históricos tão diferentes nestes dois ambientes, Ornellas analisa o gaúcho do Prata e do Rio Grande do Sul através da literatura,

---

<sup>11</sup> Vellino (1970, p.78) afirma que “[...] os Sete Povos, primeiro sob os padres, depois sob o comando militar, nunca foram, antes de 1801, senão uma parcela do domínio espanhol, pois o Tratado de Madrid não chegou a ser cumprido”.

<sup>12</sup> Ornellas (Op. cit., p.203) menciona a expressão *trama acidentada do índio* aludindo aos acontecimentos históricos e ao acultramento difícil que houve do indígena até o gaúcho.

<sup>13</sup> O termo *taba* utilizado pelo autor se refere o lugar de convívio indígena, aldeia de ameríndios. Quando o autor afirma que o índio passou de simples primitivo dos campos que vivia em *taba* para a vivência em galpão, ele compreende a transição do índio para o mestiço. Este mestiço que adapta a sua vida em relação aos seus progenitores.

<sup>14</sup> Ornellas cita Hilário Ascáubi e José Hernández afirmando que o “[...] o gaúcho estava dentro de sua alma, em toda a pureza de sua forma, na bizarría de seus hábitos, na originalidade de seus costumes e na trama complicada de sua psicologia de mestiço” (Ibidem).

das pajeadas, da música, esses elementos relacionam semelhanças fundamentais em toda a bacia do Prata. O próprio vocabulário era muito parecido, Ornellas coloca fragmentos de poemas e termos usados na bacia do Prata conhecidos na Argentina, Uruguai, Chile e no Rio Grande do Sul: *pitar* (fumar, regionalismo usado no Rio Grande do sul e no Chile), *náco* (regionalismo brasileiro que passou a ser usado no Prata), *tacuara* (taquara de origem guarani), *ginete* (pronúncia castelhana, vem de *zanette* que em árabe significa destro em cavalgar), *tropilha*, *rodeo*, *guitarra*, *guapo*, *pago*, *bagual*, *payador*, *aguacero*, *camino*, *topando*, *guacho* (todas essas palavras são influências comuns nos três território, Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul).

Vellino (op. cit., p.173) diz que as diferenças entre os tipos tradicionais do Prata e do Rio Grande do Sul “[...] vão desde a formação étnica e política, até os ingredientes de natureza moral e psicológica [...]”, essas diferenças “[...] não podiam deixar de contribuir para a elaboração de processos históricos diversos, mesmo antagônicos, na sua textura e desenvolvimento”. Na concepção de Vellino não poderia haver proximidade ou semelhanças entre povos tão diversos na história, na política e na matriz étnica.

As semelhanças entre o Prata e o rio-grandense são múltiplas no que tange a cultura e a formação étnica. Para Ornellas (Op.cit., p.08) os árabes são partes do fundo sociográfico do gaúcho platino e rio-grandense. Esse árabe viveu durante séculos no intercurso das rotas comerciais em contato com o povo que habitava a Península Ibérica, o próprio elemento *cavalo* chegará a ser do convívio do lusitano e do espanhol devido o contato com o povo berbere, que possuíam uma cavalaria invejável, uma destreza fenomenal. Analisa também a adaptação do português e espanhol que no pampa terão um novo perfil, onde o meio e o clima eram diferentes da Península Ibérica, promovendo uma adaptabilidade aos costumes e hábitos tragos do velho continente “[...] no novo modo de vida”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vellino utiliza-se do discurso lusitano, referenciando os conflitos territoriais como o diferencial histórico dos povos da Espanha e Portugal. Ornellas tem consciência que os conflitos e hostilidades entre os portugueses e espanhóis não nasceram nos trópicos, foram resultados da insubordinação do Condado de Portugal em relação à Espanha. Mas esta insubordinação não foi capaz de apagar a amálgama na Península Ibérica, que corresponde ao mesmo fundo sociográfico nos dois Estados. De fato Ornellas não se preocupou com as diferenças históricas destes povos, mas com as semelhanças sócio-culturais.

*Capitania d'El-Rei* é uma resposta à *matriz Platina*, e, sobretudo, ao livro *Gaúchos e Beduínos* de Ornellas, tanto que Vellinho escolhe com delicadeza os aspectos polêmicos rio-grandenses, e responde com os olhos de um historiador crítico que não mistura a formação histórica do Prata com a do Rio Grande do Sul. A cultura gaúcha nada tem de parecida com a cultura dos platinos, as hostilidades entre Espanha e Portugal foram mais fortes que as similaridades, com isso o rio-grandense caminha numa direção e platinos noutra.

Moysés Vellinho não se preocupa com essa diversidade, acredita na pouca mistura entre lusos-rio-grandenses e platinos, assim busca apenas explicações históricas sobre a formação do Rio Grande do Sul. Manoelito de Ornellas aprofunda a diversidade da formação social rio-grandense, pesquisa elementos, autores em diversas fontes, como músicas populares, lendas e pajeadas, não se atém às discussões históricas de disputa de fronteiras. É visível a proximidade do gaúcho platino ao gaúcho rio-grandense como são compreensíveis as explicações históricas sobre as rivalidades imemoriais e políticas entre povos da Espanha e Portugal.

As explicações referidas por Manoelito de Ornellas como as realizadas por Moysés Vellinho são agregadoras, tanto um quanto o outro esclarece a sua maneira a formação histórica rio-grandense, os dois discursos se fundem, condensam e postulam parte da diversidade sócio-cultural no Rio Grande do Sul, os discursos da matriz Platina e da matriz Lusitana se fundem como numa amalgamação. Dessa forma, o debate historiográfico travado pelos historiadores das respectivas matrizes ideológicas se aproxima e se distancia em todo momento, visto que discutem sobre as mesmas temáticas, e, dessa forma, é evidente não haver mais veracidade num discurso que noutro, visto que, os debatedores conseguem ser complementares e, ao mesmo tempo, críticos veementes.

*E desfez-se a campanha até o dia da peleja da nova batalha. E chamaram - Salamanca - à furna dêsse encontro; e o nome ficou pras furnas tôdas, em lembrança da cidade dos mestres mágicos.*

*Levantou-se um ventarrão de tormenta e Anhangá-pitã, trazendo num bocó a teiniaguá, montou nêle, de salto, e veio correndo sôbre a correnteza do Uruguai, por léguas e léguas, até as suas nascentes, entre serranias macotas. Depois desceu, sempre com ela; em sete noites de sexta-feira ensinou-lhe a vaqueanagem de tôdas as furnas recamadas de tesouros escondidos...escondidos pelos cauílas, perdidos para os medrosos e achadios de valentes... E a mais dêsses, muitos outros tesouros que a terra esconde e que só os olhos dos zaoris podem vispar...*

*Então Anhangá-pitã, cansado, pegou num cochilo pesado, esperando o cardume das desgraças novas, que deviam pegar pra sempre...*

*Só então tomou tenência que a teiniaguá era mulher...*

*Aquí está tudo o que eu sei, que a minha avó charrua contava à minha mãe, e que ela já ouviu, como cousa velha, contar por outros, que, êsses, viram!...*

(LOPES NETO, João Simões. *A Salamanca do Jarau*)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. 43 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GAUER, Ruth M. Chittó. A Contribuição Portuguesa para a Construção da Sociedade Brasileira. *Ágora – Revista do Departamento de História e Geografia da UNISC, Santa Cruz do Sul*: EDUNISC, V.5, n.1, p. 7-31, jan./jun.1999.
- GUTFREIND, Ieda. *A historiografia Rio-Grandense*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
- ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e Beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*. 4 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999. 310p.
- SILVA, Mozart Linhares da. A Modernidade Luso-Brasileira: entre o Logos & o Mythos. In: *Ágora – Revista do Departamento de História e Geografia da UNISC, Santa Cruz do Sul*: Editora da UNISC, V.6, n.1, p. 121-139, jan./jun.2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 8 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- VELLINHO, Moysés. *Aparas do Tempo*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Capitania d'El – Rei: aspectos polêmicos da formação Rio-Grandense*. 2 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.